

PLANEAMENTO

DA

TRANSIÇÃO

PARA JOVENS COM

NECESSIDADES

ESPECIAIS

UM GUIA DE APOIO NA COMUNIDADE

BRITISH COLUMBIA

Ministério do Desenvolvimento da Criança e da Família

ÍNDICE

Introdução.....	2
O Planeamento da transição e o planeamento-baseado-na-pessoa.....	3
Um modelo de plano de transição para jovens com necessidades especiais.....	5
Plano de transição – boas práticas.....	6
Estratégias para o plano de transição-baseado-na-pessoa.....	8
Apoio ao processo de planeamento da transição do jovem.....	9
Seis passos do planeamento da transição baseado-na-pessoa.....	12
Anexo 1 Ajudar o jovem a desenvolver competências de Autodeterminação.....	16
Anexo 2 Funções e responsabilidades da equipa de planeamento da transição.....	17
Anexo 3 Procurar conhecer o jovem: recolha de informação.....	20
Anexo 4 Exemplos de transição.....	24
Template de um plano de transição.....	26
Referências.....	35

INTRODUÇÃO

Finalidade do Guia de Apoio Comunitário

O *Plano de Transição para Jovens com Necessidades Educativas Especiais: Guia de Apoio na Comunidade*, foi elaborado para permitir aos membros da comunidade (pessoal da escola, assistentes sociais e pessoas da comunidade) utilizarem informações e ideias que ajudem o processo de transição dos jovens com necessidades especiais.

Neste texto, a expressão *jovens com necessidades especiais*, refere-se a jovens que necessitam de apoios especiais para promover a sua saúde e para participar nas actividades diárias em casa, na escola e na comunidade, dados os problemas que apresentam nas seguintes áreas:

- saúde
- compreensão
- capacidades sensori-motoras
- integração social
- capacidades emocionais/comportamentais
- capacidade de auto-ajuda

Objectivos do Guia

Este Guia foi elaborado com os seguintes objectivos:

1. Prestar informações ao pessoal das escolas, assistentes sociais, membros da comunidade – incluindo serviços para jovens e adultos – sobre as melhores

práticas e sobre os factores-chave que apoiam a planificação da *transição-baseada-na-pessoa*, para jovens com necessidades especiais.

2. Apresentar ideias que apoiem a participação activa dos jovens com necessidades especiais e suas famílias no processo de transição.

3. Prestar informações que promovam uma perspectiva colaborativa no planeamento da transição.

O PLANEAMENTO DA TRANSIÇÃO E O PLANEAMENTO-BASEADO-NA-PESSOA

O Que é o Planeamento da Transição?

Para muitos jovens, a transição para a vida adulta constitui um grande desafio. Um jovem com necessidades especiais e a sua família têm de tomar algumas decisões importantes sobre o futuro que incluem fazer escolhas sobre a habitação, a educação, o emprego, as finanças e o envolvimento social que terão lugar no futuro. Muitas vezes, apresentam-se questões complexas que exigem a elaboração dum plano muito cuidadoso.

O plano de transição é uma parceria que envolve a pessoa com necessidades especiais, a sua família, os serviços locais, o pessoal da escola e elementos das equipas governamentais que apoiam a transição dos jovens para a vida adulta. Trata-se dum processo interactivo e dinâmico que visa a preparação de um plano capaz de garantir a implementação de uma transição eficaz dos jovens com necessidades especiais.

O objectivo deste plano para a transição consiste em identificar oportunidades e experiências, durante os anos de escola, que ajudem os jovens a preparar melhor a sua vida de adultos (Johnson e tal, 2000). O plano de transição pode

apoiar os jovens a conseguir emprego, a prosseguir a escolaridade e a experimentar uma vida comunitária com qualidade.

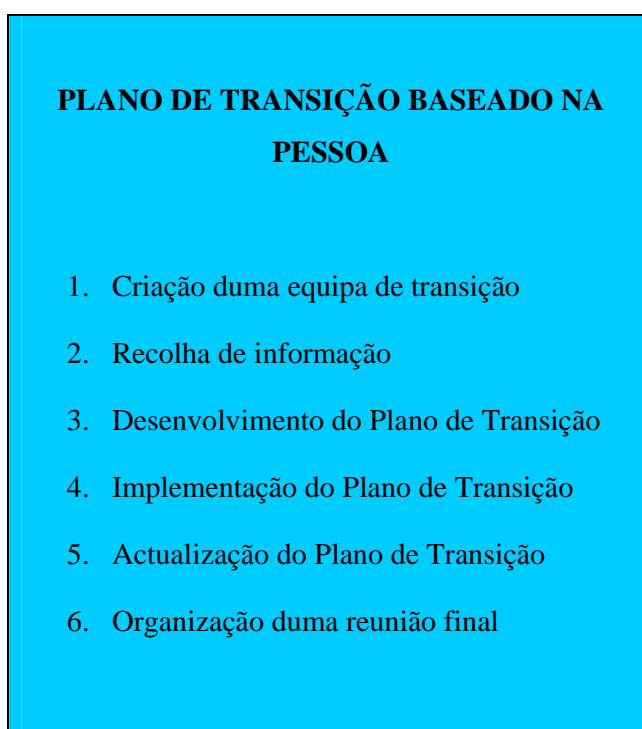
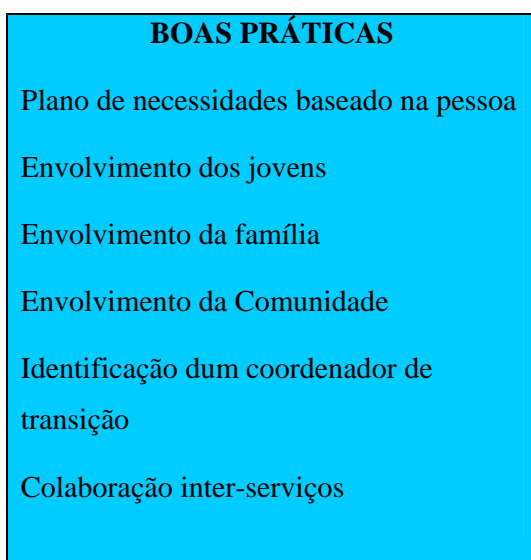
Porque é Importante um Plano de Transição?

O Plano de Transição é essencial pois permite analisar as competências pessoais e criar uma perspectiva individualizada para o futuro. Por outro lado, prepara o jovem para enfrentar novos desafios e novas oportunidades.

É importante que o processo de transição se inicie tão cedo quanto possível – em alguns casos, por volta dos 14 anos de idade. Começar cedo permite que haja tempo para implementar o Plano de Transição que irá equacionar os desafios da preparação para a vida adulta.

UM MODELO DE PLANO DE TRANSIÇÃO PARA JOVENS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

O Modelo de Plano de Transição para Jovens com Necessidades Especiais identifica boas práticas que se baseiam nos seis passos que caracterizam uma perspectiva de planeamento-baseada-na-pessoa.



PLANO DE TRANSIÇÃO

BOAS PRÁTICAS

Plano-Baseado-na-Pessoa

A chave para o processo de planeamento da transição é uma estratégia conhecida como “planeamento-baseado-na-pessoa” que é um conceito que confere à pessoa com necessidades especiais um papel de liderança no processo de transição. Baseia-se nos princípios de autodeterminação e do envolvimento individual, desenvolvido à medida que o jovem faz as escolhas acerca do seu plano e do seu futuro. Estas estratégias facilitam a individualização do plano de transição e favorece a sua eficácia. (Maleta e tal, 1992). O objectivo final dum plano-baseado-na-pessoa consiste na criação de apoios e oportunidades que lhe possibilitem tomar decisões próprias sobre a sua vida.

Envolvimento dos Jovens

Envolver os jovens no processo de planeamento da sua transição tem uma importância decisiva e constitui uma “boa prática”. Quando um jovem está envolvido no processo e pode fazer escolhas acerca de si e do seu futuro, há mais garantias de que o seu projecto de transição tenha sucesso. O plano-baseado-na-pessoa coloca-o numa posição de liderança durante a fase de planeamento das acções e na fase de desenvolvimento da sua execução. É fundamental que os jovens “conduzam” este processo, de modo a que o Plano de Transição seja um reflexo da sua pessoa e daquilo que pretendem alcançar.

A equipa de transição encoraja, facilita e apoia a participação activa dos jovens e das suas famílias e amigos no processo de planeamento. Através duma participação

activa, um jovem é encorajado a estar “no papel de líder”, possibilitando-lhe que a aprendizagem de competências relativas à autodeterminação – a capacidade para decidir sobre o seu o próprio destino – se baseiem nas aspirações, desejos e necessidades educativas dos jovens e das suas famílias e não somente dos serviços que os apoiam.

Envolvimento da Família

A investigação revela que o envolvimento da família aumenta o sucesso do planeamento da transição. (Rutherford & Turnbull, 1996). Em muitos casos, os pais e os membros da família alargada são as únicas relações consistentes que os jovens têm ao longo da sua vida. Assim, é fundamental que a família participe na identificação dos pontos fortes dos jovens, criando um plano para o seu futuro e lutando para que seja alcançado.

O grau e natureza deste envolvimento dependem da capacidade da família, das suas competências e disponibilidades. Os pais trazem a este processo uma compreensão essencial sobre o seu filho ou filha, relativa ao que eles podem querer realizar, podendo ter uma função de orientação em seu nome. Ainda mais importante é, talvez, poderem partilhar os sonhos dos seus filhos e ajudá-los a alcançá-los.

Este tipo de envolvimento pode aplicar-se a pais adoptivos, assistentes sociais, encarregados de educação ou outros membros da família.

Envolvimento da Comunidade

O envolvimento da comunidade no planeamento é um passo crucial no desenvolvimento de redes de apoio para o jovem e para a sua família. Para além disso, facilita a transição destes jovens da escola para a vida adulta.

Os membros-chave da comunidade são os educadores, os assistentes sociais os responsáveis pelos serviços, os representantes de escolas pós-secundárias e os gestores de programas de reabilitação e de empresas. (...). O envolvimento destes

membros permite que se estabeleçam laços no seio da comunidade e que se criem, para os jovens, oportunidades de tipo profissional ou de tipo voluntário.

Identificação e Utilização dum Coordenador de Transição

O “Coordenador de Transição” assume um papel-chave no conjunto da equipa de transição, considerando-se a sua existência como uma “boa prática”. Esta função pode ser assumida por uma diversidade de pessoas: profissionais formados em transição, pais ou encarregados de educação, outros membros da família ou algum funcionário da escola. Se o plano não for baseado na escola, o jovem e a sua família podem escolher para coordenador um membro da equipa de transição. Se o jovem frequenta a escola, este papel é entregue a um profissional da escola o qual assume o papel de coordenador do PEI/Plano de Transição.

Os pais ou encarregados de educação devem sempre ser encorajados a colaborar na elaboração do plano de Transição, ao longo de todo o processo. Como regra, o jovem, deve ser incluído em todas as fases do processo.

(...)

O termo Coordenador de transição também se aplica ao membro da equipa que trabalha a nível sistémico, procurando desenvolver a eficácia do processo de transição numa determinada comunidade ou área, incluindo o aperfeiçoamento das relações entre os vários serviços e os vários parceiros da transição e estabelecendo a consistência dos planos numa determinada região.

Colaboração Inter-Serviços

A criação e implementação dum Plano de Transição dependem da colaboração entre os serviços que apoiam a transição, desenvolvendo processos comuns no âmbito da mesma área.

. Se estes serviços trabalharem em conjunto, podem utilizar os mesmos instrumentos, os mesmos mecanismos e as mesmas estruturas, o que facilita as respectivas acções. Estes instrumentos podem incluir documentos formais de

cooperação, tais como memorandos, protocolos e parcerias conjuntas de planeamento. Uma colaboração eficaz pode ainda passar pelo estabelecimento de redes, comités e grupos de trabalho. O envolvimento comunitário promove a criação de ambientes cooperativos e, conseqüentemente, o emprego e as opções académicas para os jovens com necessidades especiais, assim como as oportunidades para viverem uma vida adulta independente.

ESTRATÉGIAS PARA O PLANO DE TRANSIÇÃO BASEADO-NA-PESSOA

O planeamento-baseado-na-pessoa, uma indiscutível “boa prática”, coloca o indivíduo com necessidades especiais num papel central de liderança durante o processo de planeamento e de execução da transição. Os membros da equipa podem ajudar o jovem numa perspectiva-baseada-na-pessoa, através das seguintes estratégias:

Começar Cedo o Planeamento

O planeamento da transição pode começar por volta dos 14 anos e continuar até aos 19.

Desenvolver um Plano Individualizado e Orientado para o Futuro

O aspecto fundamental das estratégias de planeamento-baseado-na-pessoa consiste no desenvolvimento de serviços e de apoios que respondam às necessidades e aos sonhos específicos de cada indivíduo. O fundamento de um plano de transição individualizado reside em se manter, de forma consistente, o indivíduo e a sua família no centro do processo de planeamento.

Foco nos Pontos Fortes e nas Capacidades

As estratégias baseadas-na- pessoa focam os pontos fortes e as capacidades mais do que as deficiências. As avaliações profissionais do indivíduo devem também adoptar esta estratégia.

Desenvolver uma Comunicação e uma Colaboração Eficazes

Uma transição eficaz exige uma comunicação e uma colaboração entre os jovens, os pais, os educadores, os serviços e outros membros das equipas intervenientes.

Proporcionar Serviços Eficazes

As estratégias baseadas-na-pessoa implicam a procura das metas e aspirações pessoais e, muitas vezes, para o conseguir, terá de levar os serviços e os profissionais a reavaliarem e a mudarem os programas, as práticas e as políticas vigentes.

Utilizar Apoios Existentes na Comunidade

Quando um indivíduo necessita de programas e serviços especializados, as estratégias baseadas-na-pessoa devem encorajar as equipas de planeamento a explorarem os recursos que existem na comunidade. Os vizinhos, os colegas, os amigos e a comunidade cultural em que o jovem se insere podem apoiá-lo na sua fase de transição. Os serviços genéricos da comunidade, tais como centros recreativos, ou transportes públicos podem ser incorporados no Plano de Transição, a par com os serviços especializados.

APOIO AO PROCESSO DE PLANEAMENTO DA TRANSIÇÃO DO JOVEM

Apoio ao Jovem e ao Envolvimento Familiar

As estratégias a seguir indicadas podem apoiar o jovem e o envolvimento familiar no planeamento da transição e reforçam a sua acção ao longo do desenvolvimento deste processo complexo:

- ❖ Garantir que os jovens e os pais tenham oportunidade de se exprimir na língua de sua preferência.

- ❖ Informar o jovem e os seus pais dos objectivos e dos componentes dum processo de transição eficaz.

- ❖ Encorajar o jovem e os seus pais no seu envolvimento na elaboração e implementação do Plano de Transição.

- ❖ Encorajar o jovem e os seus pais a participarem e colaborarem nas reuniões do planeamento.

- ❖ Encorajar o jovem e os seus pais a utilizarem as fichas em que se registam os dados relativos às necessidades e ao acompanhamento do processo de transição.

- ❖ Fornecer materiais informativos de leitura acessível, boletins, guias familiares, eventos relacionados com a transição e sessões de informação, capazes de apoiar as famílias e os jovens a tomarem decisões úteis e ajustadas.

- ❖ Alterar as formas tradicionais de organizar reuniões e de elaborar relatórios, de forma a torná-los mais acolhedores e motivadores para os jovens e suas famílias.

- ❖ Informar os jovens e suas famílias sobre os programas e serviços existentes na sua comunidade e sobre a responsabilidade dos serviços locais.
- ❖ Garantir aos jovens e suas famílias o acesso aos apoios culturais e serviços que os poderão ajudar no planeamento.
- ❖ Apresentar sugestões sobre as actividades que os jovens podem fazer em casa para promover as suas competências e a sua auto-confiança na transição para a vida adulta.
- ❖ Garantir que o jovem e a sua família tenham apoios, incluindo os que possam vir de outros jovens e de outras famílias com experiência necessidades nesta área.
- ❖ Garantir a colaboração de intérpretes ou de outro tipo de comunicação assistida aos indivíduos que apresentam tais necessidades

Apoio ao Trabalho das Equipas

O processo de transição exige a criação de equipas de transição que sejam “unidas” e “integradas”. Estas equipas focam as necessidades dos indivíduos e propõe-se trabalhar numa forma coordenada e colaborativa, de modo a responder a estas necessidades.

Para tal, sugerem-se as seguintes estratégias:

- ❖ Estabelecer relações de colaboração entre os membros da equipa.

- ❖ Considerar as relações pessoais como recursos.

- ❖ Criar um enquadramento comum de referência, de modo a que os desentendimentos se resolvam com base em valores comuns e focando o que é mais importante para o jovem.

- ❖ Adotar técnicas comuns de solução de conflitos.

- ❖ Desenvolver e utilizar avaliações integradas que identifiquem os aspectos fortes e as capacidades e que favoreçam a sua consistência com o processo de planeamento-baseado-na-pessoa.

Apoio à Colaboração Inter-Serviços

Um “boa prática” consiste em desenvolver estruturas organizativas, instrumentos e mecanismos que apoiem o planeamento. Por exemplo, a criação de grupos de pressão ou comités locais de transição podem constituir organizativas que apoiem um Plano de Transição eficaz, na comunidade local.

. Estes grupos:

- ❖ Promovem o desenvolvimento de equipas locais.

- ❖ Proporcionam liderança para o desenvolvimento de políticas, práticas e locais de transição.
- ❖ Coordenam e organizam os diferentes serviços e parceiros envolvidos na comunidade.
- ❖ Trabalham em conjunto para equacionar problemas de índole colectiva, desde falhas nos serviços até problemas de nível ministerial

Este tipo de grupos de trabalho reúne pessoas responsáveis para:

- ❖ Desenvolverem políticas de transição e protocolos que facilitem a coordenação.
- ❖ Facilitar as parcerias comunitárias.
- ❖ Produzir mudanças no “sistema”, de modo a criar novas oportunidades para a transição dos jovens para vida adulta.

Alguns dos instrumentos que apoiam o trabalho cooperativo em vários serviços são os acordos formais já existentes, tais como protocolos e memorandos. Estes planos também beneficiam da unificação de processos, de guias de acção, e ficheiros comuns de registo.

Estes instrumentos facilitam a existência de:

- ❖ Uma comunicação e uma troca de informações eficazes.

- ❖ Um planeamento e uma implementação eficazes.
- ❖ Uma partilha de custos.

Apoio a uma Estratégia Interministerial

Ao nível ministerial, o planeamento pode ser ajudado por políticas e protocolos interministeriais. Estas políticas e estes protocolos podem articular de forma clara os papéis e a responsabilidades dos vários ministérios envolvidos durante a fase de transição dos jovens para a vida adulta e apoiar uma estratégia colaborativa relativa gestão dos programas.

As políticas e os protocolos podem contribuir para:

- ❖ Coordenação entre serviços.
- ❖ Redução da duplicação de esforços e de serviços.
- ❖ Desenvolvimento duma estratégias unificada e consistente do planeamento da transição para os jovens com necessidades especiais.

SEIS PASSOS DO PLANEAMENTO DA TRANSIÇÃO BASEADO-NA-PESSOA

PASSO 1: Construir a Equipa de Planeamento

A equipa de planeamento de transição desenvolve metas, identifica problemas, cria soluções e estabelece ligações entre os serviços e os recursos da comunidade. Para que isto aconteça é necessário criar uma equipa com uma composição adequada.

A responsabilidade de escolher os membros desta equipa cabe ao jovem e à sua família. A equipa deve incluir pessoas que actuam nas redes de apoio do jovem tais como, colegas, amigos e membros da família que prestam um apoio informal. Deve nomear-se uma pessoa da equipa como coordenador de transição que terá por missão ajudar o jovem e a sua família a construírem o plano de transição. (Ver para, mais pormenores, o capítulo *Identificação e funções do Coordenador de Transição*)

Sugere-se que a equipa de planeamento tenha um mínimo de três membros e um máximo de oito. Um grupo demasiado grande constituiria um peso exagerado para o jovem e a sua família e seria menos eficaz que um grupo mais pequeno, formado por pessoas-chave. Esta equipa pode incluir:

- . O jovem
- . Os pais ou encarregados de educação
- . Pessoal da escola
- . Assistentes sociais
- . Membros de serviços de adultos
- . Membros de serviços de atendimento geral
- . Membros da comunidade
- . Membros da rede informal de apoio do jovem

Para se escolherem os membros da equipa pode ser útil responder às seguintes perguntas:

- . Quem conhece melhor o jovem?
- . Com quem o jovem se sente mais seguro e mais confiante?
- . A quem recorre o jovem quando procura conselhos e ajudas?
- . Quem é que o jovem gostaria que o ajudasse na sua transição da escola para a vida adulta?
- . Como é que estas pessoas podem ajudar?

Na formação da equipa, um aspecto central consiste em determinar diferentes papéis e responsabilidades. (Ver o Anexo 2 - *Papéis e responsabilidades na Equipa de planeamento da Transição*)

PASSO 2 – Recolher Informação

O segundo passo deste planeamento consiste em “procurar conhecer” o jovem. Para se conhecerem os seus sonhos, aspirações e necessidades é necessária a contribuição dos membros da equipa, particularmente do próprio jovem e da sua família. Dois instrumentos, o MAPS (Making Action Plans) e o PATH (Planning Alternative Tomorrow with Hope), podem ajudar a identificar as preferências, experiências, capacidades e necessidades de apoio do jovem assim como os seus objectivos de vida.

O processo de planeamento – MAPS – começa com uma história – a história do jovem. Ao escrever a sua história o jovem tem a possibilidade de clarificar os seus sonhos, descobrir soluções e desenvolver o perfil das suas capacidades e talentos. Por outro lado o PATH, começa com as perspectivas futuras e caminha para trás até ao presente, identificando a progressão de passos necessários para tornar os seus sonhos uma realidade.

Estes instrumentos, o MAPS e o PATH, ajudam a conhecer os comportamentos e as capacidades de autodeterminação do jovem. Um outro recurso, *Your Futur Now*, fornece fichas que facilitam a recolha de informação e o processo de acompanhamento. Estes processos de dados dão à equipa de planeamento uma visão sobre os desejos do jovem em relação ao seu futuro. (Ver Anexo 3 – *Conhecendo o jovem: Recolha de informação*).

Existem diversos formatos para recolha de informação mas, no entanto, é importante que o “mapa” final permita conhecer em pormenor as preferências do jovem, os seus objectivos, as suas capacidades, os seus contactos culturais e comunitários, as suas capacidades linguísticas, o seu estilo de comunicação, assim como informação de saúde/médica, e funcional. Podem ser ainda recolhidas outras informações vindas de outras avaliações como, por exemplo, avaliações das necessidades psicológicas ou de terapias físicas, de modo a apoiar o planeamento da transição.

PASSO 3 – Desenvolvimento do Plano de Transição

O desenvolvimento do plano de Transição é um processo criativo, dinâmico e interactivo. Em primeiro lugar, a equipa considera os objectivos do jovem e os serviços e apoios nas seguintes áreas:

- . Saúde (necessidades médicas e estilo de vida saudável)
- . Actividades de vida diárias (cuidados pessoais, compras, preparação de refeições, etc.)
- . Habitação
- . Finanças e gestão do dinheiro
- . Amigos e socialização
- . Transportes
- . Educação pós-secundária e formação profissional
- . Emprego

- . Lazer
- . Envolvimento na comunidade (espiritualidade, voluntarismo)
- . Associações culturais
- . Apoio jurídico

Para cada uma destas áreas, a equipa deve considerar as seguintes questões:

1. Quais são os objectivos do jovem?
2. Quais as competências e comportamentos de que o jovem precisa para atingir estes objectivos?
3. Quais os programas locais, serviços e apoios disponíveis para apoiar estes objectivos?
4. Quais as responsabilidades que devem ser assumidas pelo jovem, pela escola, pelos serviços de adultos, pelos serviços culturais e comunitários, e pela sua família para que o jovem possa atingir os seus objectivos?
5. Quais são as barreiras e carências existentes nos actuais programas, serviços e apoios que devem ser equacionados?

Em segundo lugar, a equipa deve identificar as tarefas, as necessidades ou os passos que devem ser dados para apoiar os objectivos do jovem. Para que o Plano de Transição tenha sucesso, a equipa deve identificar quem é responsável por completar cada tarefa e quando devem estas tarefas ser realizadas.

A visão ou o sonho do jovem pode servir como um marco para se saber se as actividades propostas são adequadas e contribuem para os objectivos marcados. Para se assegurar que o plano está consistente com a visão do jovem, a equipa de transição deve responder à seguinte questão: será que os objectivos estabelecidos contribuem para a realização dos sonhos do jovem?

Se a resposta for não, ou se for incerta, a equipa deve discutir e, possivelmente, reconsiderar as actividades/passos estabelecidos e rever com o jovem os seus objectivos.

O plano de transição pode ainda conter uma lista de serviços e apoios e verificar as respectivas carências, passando a analisá-las e propondo as alterações que devem ser introduzidas para garantir uma transição de sucesso.

As equipas de transição devem desenvolver as suas próprias fichas de registo de informação de modo a que sejam de fácil consulta e que contenham a lista das acções e outras estratégias utilizadas, capazes de permitir a constante avaliação do plano. (Ver Anexo 4 – *Exemplos de Planos de Transição*)

PASSO 4 – Implementação do Plano de Transição

A implementação do Plano de Transição implica que se estabeleçam, de forma muito clara, responsabilidades e calendários. Deve ser estabelecido pela equipa quem deverá fazer o quê, quando e como. Deve ser garantido que as tarefas sejam feitas a tempo, através duma comunicação e dum registo eficazes. O jovem, o coordenador da equipa e os pais podem decidir serem eles os responsáveis por garantir que os membros da equipa cumprem o que ficou estabelecido no plano de transição.

Passo 5 – Actualização do Plano de Transição

O coordenador de transição deve marcar reuniões de *follow-up* e de actualização do Plano, sempre necessário e o jovem e a sua família podem iniciar o processo, identificando a necessidade da sua revisão.

PASSO 6 – Marcação da Reunião Final

O coordenador da transição deve organizar uma sessão de finalização do planeamento. Nesta fase, os alunos devem estar perto de terminar a escola secundária. Aqui termina o plano de Transição e identificam-se as tarefas e

objectivos alcançados, assim como alguns dos objectivos que não foram equacionados ou atingidos.

ANEXO 1

AJUDAR O JOVEM A DESENVOLVER COMPETÊNCIAS DE AUTODETERMINAÇÃO

Encorajar o jovem a organizar e planear antecipadamente as fases escolares que se seguem, assim como os eventos da escola.

- ❖ Apoiar o jovem a expressar as adaptações de que necessita para participar activamente na escola e noutros locais da comunidade.
- ❖ Encorajar o jovem a fazer as perguntas adequadas aos auxiliares e profissionais de saúde.
- ❖ Encorajar o jovem a assumir a responsabilidade pelos seus cuidados de saúde, incluindo a administração da sua medicação, a marcação de consultas e o conhecimento das suas condições de saúde.
- ❖ Encorajar o jovem a marcar reuniões associadas à sua transição para a vida adulta, incluindo encontros com colegas/pessoal da universidade, os responsáveis do lar, assistentes sociais, ou pessoal de outros serviços da comunidade.
- ❖ Apoiar o jovem na procura de emprego, incluindo a preparação de CV, o preenchimento de propostas e a preparação de entrevistas.
- ❖ Participar activamente na elaboração do seu PEI e noutras oportunidades de planeamento.
- ❖ Apoiar o jovem na compreensão das implicações que a sua deficiência pode ter no futuro, relacionando-as com os seus objectivos e os seus desejos.
- ❖ Ensinar, demonstrar e praticar competências úteis.

- ❖ Discutir problemas relacionados com os direitos humanos e os direitos das pessoas com deficiência e relacioná-las com os seus planos e desejos.
- ❖ Mostrar-se disponível para atender o jovem quando este pretende partilhar os seus sentimentos, preocupações opiniões e desejos.

ANEXO 2

FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES DA EQUIPA DE PLANEAMENTO DA TRANSIÇÃO

Jovens

- Ter um papel activo nestas reuniões, com apoio se solicitado.
- Participar nas reuniões do PEI / Plano de Transição.
- Partilhar as suas preferências pessoais, competências, objectivos e necessidades com os membros da equipa, com apoio se necessário.
- Fazer perguntas e dar informações à equipa sobre questões que pretende esclarecer, sejam de ordem médica, social, sexual, financeira ou outra, com apoio se necessário.
- Assumir a responsabilidade de trabalhar em prol dos seus objectivos, realizando as tarefas que ficarem estipuladas no Plano de Transição.

Pais ou Encarregados de Educação

- Participar nas reuniões do PEI/Plano de Transição.
- Preparar o seu filho para participar no processo.
- Tomar iniciativas na reunião sempre que for possível e desejável.
- Dar informações sobre o *background* e os valores da família.
- Partilhar as preferências, interesses, competências objectivas e necessidades do seu filho.

- Focar o planeamento da equipa nas necessidades e objectivos do jovem e da sua família.
- Proporcionar ao filho oportunidades de aprendizagem e de prática sobre as competências básicas tais como solução de problemas, assertividade, auto-determinação, gestão de stress, e fundamentos duma participação activa no processo de planeamento.
- Prestar informações sobre os programas e serviços de apoio que estão disponíveis para o seu filho.

Coordenador da Transição

- Marcar e coordenar a reunião.
- Gerir as actividades de secretariado e manter um ficheiro de transição que contenha as avaliações, o Plano do PEI/Transição e materiais relevantes.
- Manter o foco da reunião nos assuntos agendados.
- Resolver conflitos.
- Monitorizar o progresso do plano do PEI/Transição.
- Conseguir adesão às acções de *follow-up* e garantir que todos os participantes sabem as tarefas específicas que tem de empreender.
- Coordenar o registo e implementação do plano do PEI/Transição.

Educadores Especiais

- Participar nas reuniões do PEI/Plano de Transição.
- Ouvir o jovem e identificar os seus desejos.

- Garantir que os serviços adequados da comunidade sejam chamados a colaborar.
- Garantir que o jovem e a sua família tenham a oportunidade de expressar as suas necessidades e de compreender e de participar activamente na elaboração do plano de transição.

Educadores Regulares

- Participar nas reuniões do PEI/Plano de Transição.
- Informar-se junto da equipa de planeamento sobre as oportunidades educativas, as exigências relativas à qualificação e os progressos e as necessidades de apoio do jovem.
- Ajudar a identificar e analisar as oportunidades educativas pós-secundárias.
- Garantir ao jovem as competências exigidas na sua fase de transição.
- Apoiar um ambiente inclusivo para o jovem com necessidades especiais.

Especialistas de Orientação profissional

- Participar nas reuniões de PEI/Transição para os jovens que necessitam de treino vocacional ou colocação.
- Ajudar a identificar e analisar programas de treino pré-profissionais e vocacionais.

Assistentes Sociais, Serviços de Apoio e Outros Membros da Comunidade

- Participar nas reuniões do PEI/Plano de Transição.
- Garantir serviços de apoio na comunidade.
- Proporcionar aos jovens apoio de ordem cultural e contactos pessoais, sempre que possível.

Outros Membros da Família, Amigos e Pessoas que os Defendem

- Participar nas reuniões do PEI/Plano de Transição.
- Trocar informações sobre as preferências, os interesses, os objectivos e as necessidades dos jovens e suas famílias.
- Apoiar os jovens e a sua família na discussão sobre as respectivas necessidades e objectivos.
- Focar o planeamento da equipa nas necessidades e objectivos da família.
- Proporcionar experiências informais de vida familiar e comunitária, se possível.

ANEXO 3

PROCURAR CONHECER O JOVEM: RECOLHA DE INFORMAÇÃO

- Identificar pessoas significativas na vida do jovem, tais como: membros da família, amigos, membros de associações culturais, pessoal da escola, assistentes sociais, membros de serviços de apoio e membros da comunidade.
- Procurar saber onde o jovem passa o seu tempo.
- Identificar factores que os outros vêem como ponto fortes e que contribuem para as suas características positivas.
- Identificar factores que os outros consideram que devem ser reforçados.
- Debater o tipo de escolhas que o jovem pode fazer.
- Identificar preferências, incluindo factores que motivam a pessoa e a tornam feliz e não-preferências, incluindo factores que não o ajudam e lhe criam frustração e infelicidade.
- Debater os seus objectivos e sonhos.
- Identificar as prioridades mais importantes para trabalhar a partir desse momento (2-12 meses) e no futuro (1-5 anos).
- Debater as oportunidades, incluindo as coisas ou pessoas que o podem ajudar a alcançar os seus objectivos e sonhos.
- Debater as barreiras, incluindo as coisas ou pessoas que obstam a que atinja os seus objectivos e os seus sonhos.
- Identificar estratégias que ajudem o indivíduo a ultrapassar os obstáculos ou barreiras e a atingir os seus objectivos e os seus sonhos.

ANEXO 4

EXEMPLOS DE PLANOS DE TRANSIÇÃO

O Anexo 4 inclui dois exemplos de planos de Transição e um template dum plano de transição. Podem ser utilizados como guias para os jovens e as suas equipas de transição, na elaboração dos seus planos.

PLANO DE TRANSIÇÃO 1: Alex

Data	Dezembro 17, 2004
Nome	Alex
Data do nasc.	Junho, 5, 1987
Escola	Haliburton High

Perfil

Alex é um aluno com 17 anos diagnosticado com autismo e uma deficiência intelectual média. É o mais velho de três irmãos e vive com a sua mãe solteira. Toma medicação para a ansiedade.

O Alex vai ter um certificado final de escolaridade quando completar o seu último ano de escola (19 anos). Está num programa “Escola para o Trabalho” para alunos entre os 16 e os 19 anos.

Recebe um financiamento para o Autismo através do Ministério de Desenvolvimento das Crianças e das Famílias. Utiliza frequentemente este financiamento para apoiar a sua participação nos programas recreativos da comunidade.

Este financiamento termina quando fizer 19 anos.

Pontos fortes

Os pontos fortes do Alex incluem capacidades em informática e em classificar materiais. Distingue os pormenores com precisão e trata bem os animais.

Membros da Equipa

Alex aluno

Judy mãe

Charles coordenador de transição e professor de educação especial do Programa “Escola para o Trabalho”

George assistente do Programa “Escola para o Trabalho”

Michael monitor para o programa extra-escolar

(a família utiliza para este apoio o “Autism Funding”)

Mary assistente social dos serviços de apoio comunitário

As Expectativas do Alex

O Alex e a sua família gostariam de encontrar um emprego apoiado na sua comunidade. A sua família gostaria que ele vivesse em casa, no futuro próximo, e mais tarde vivesse com outro jovem adulto com necessidades especiais num residência apoiada.

1ª PARTE: O PLANO DE EMPREGO DO ALEX

Objectivos para o Emprego

A curto prazo: O Alex irá participar numa variedade de colocações laborais durante os próximos dois anos

A longo prazo: O Alex irá trabalhar a tempo inteiro num emprego apoiado

Competências e Capacidades

Actualmente, os interesses do Alex são: utilizar o computador, contar dinheiro, utilizar máquinas de vendas, organizar materiais diversos (separá-los, arrumá-los) e tratar de cachorros - lavá-los e penteá-los. Também gosta de participar numa série de actividades do programa de "Actividades de Vida Diária" (literacia e numeracia básicas, programas de lazer e recreação). Durante este período, o Alex realizou um treino laboral na mercearia local a arrumar os stocks nas estantes.

Tarefas que Devem ser Completadas para Atingir os Objectivos de Emprego do Alex

1. Durante os dois anos que lhe faltam para terminar a escola secundária, o Alex deve continuar no programa "Da Escola para o Trabalho"
Até Junho de 2007.
2. O Alex deve experimentar outras experiências de trabalho de acordo com os seus interesses e pontos fortes.
Em Janeiro de 2005.
3. O Alex irá identificar um local de trabalho preferido para entrar num emprego apoiado.

Em Janeiro de 2007.

4. A assistente social dos serviços Social Comunitário irá ajudar o Alex e a sua mãe, sempre que necessário, a identificar serviços de adultos e programas disponíveis através do Ministério dos Recursos Humanos, incluindo apoio financeiro, transporte, planeamento do emprego e apoio.

Pessoal Responsável pela Implementação do Plano

O Coordenador de transição e o professor de educação especial do programa "Da escola para o Trabalho".

2ª PARTE: O PLANO DE VIDA INDEPENDENTE DO ALEX

Objectivo de Vida Independente

A curto prazo: O Alex continuará a viver em casa com a sua mãe até que se complete com sucesso a sua transição para um emprego apoiado

A longo prazo: O Alex irá viver com um colega numa residência apoiada da comunidade.

Competências e Capacidades

1. O Alex solicita apoio para algumas das actividades de vida diária e precisa de ajuda para lhe lembrar as horas dos medicamentos.

Tarefas que devem ser Completadas para Atingir os Objectivos de Vida Independente

1. O Alex e a sua mãe irão utilizar alguma verba do “Autism Funding” para contratar um profissional, por exemplo um terapeuta ocupacional, para apoiar o Alex na aprendizagem dos cuidados pessoais, utilização dos medicamentos e competências de segurança doméstica.

Em Fevereiro de 2006

2. A assistente social, o Alex e a sua mãe vão reunir para estudarem quais os possíveis serviços e programas existentes.

Em Janeiro de 2005

3. A assistente social, o Alex e a sua mãe vão discutir com a autoridade local de saúde quais os programas e serviços existentes para adultos.

Em Março de 2007, três meses antes do Alex fazer 19 anos.

4. O Alex e a sua mãe vão solicitar um apartamento numa residência apoiada.

Em Dezembro de 2007

Pessoas Responsáveis pela Implementação

O Coordenador de Transição e a Assistente Social.

EXEMPLO DE PLANO DE TRANSIÇÃO 2: Sandeep

Data. Janeiro de 2005

Nome. Sandeep

Classe: 11

Idade: 16

Perfil

Sandeep é uma aluna da escola secundária, com 16 anos, com um diagnóstico de paralisia cerebral. Uma avaliação cognitiva no 9º ano, revelou que a Sandeep tem uma capacidade intelectual normal, com uma dificuldade de aprendizagem. Necessita de adaptações em todas as disciplinas e utiliza uma ajuda técnica para a voz e um computador portátil com o "Co-Writer". Utiliza, também, uma cadeira eléctrica para se movimentar.

Pontos Fortes

Os pontos fortes da Sandeep incluem a sua rapidez de aprendizagem e a sua facilidade de comunicação.

Membros da Equipa

Sandeep aluna

Ranjir mãe

Paul coordenador de transição – professor de educação especial

As expectativas da Sandeep

A Sandeep está interessada em jornalismo e em escrever para periódicos e para as suas revistas favoritas. Quer tirar um curso de jornalismo na universidade, mas tem medo que as suas notas não sejam suficientes para ser admitida. Consequentemente, vai apresentar-se à admissão no "Community College" e, antes de concorrer á Universidade vai tirar um primeiro curso de inglês e de escrita.

Programa actual da escola

A Sandeep está a preparar-se para o Diploma "British Columbia Certificate of Graduation" mas com um programa mais ligeiro, dados os seus problemas

de cansaço. Vai ficar na escola durante um ano, depois de fazer 18 anos, a fim de terminar os seus créditos.

O PLANO PÓS-SECUNDÁRIO DA SANDEEP

Objectivos Pós-Secundários

A curto prazo: A Sandeep irá completar com sucesso a escola secundária

A longo prazo: A Sandeep irá frequentar o "Community College" e completar com sucesso os cursos do primeiro ano de inglês e de escrita.

Tarefas que Devem ser Completadas para Atingir os Objectivos Pós-Secundários da Sandeep

1. A Sandeep irá obter uma experiência em jornalismo e em escrita, através dum trabalho voluntário no jornal escolar, durante os seus últimos dois anos na escola.
2. O coordenador de transição (Paul) irá contactar o "Special Education Technology BC" tendo em vista a obtenção de um computador e material de comunicação, para os serviços de transição para vida adulta.

Em Setembro de 2007.

3. A Sandeep e os seus pais irão contactar o Ministério dos Recursos Humanos, tendo em vista os programas e serviços para pessoas com deficiência (por exemplo: transportes, planeamento de emprego).

Em Setembro de 2007

4. A Sandeep irá concorrer ao "College".

Em Março de 2008

TEMPLATE DE PLANO DE TRANSIÇÃO

Data:

Nome

Data do Nascimento:

Escola

Perfil

Pontos fortes

Membros da equipa

Expectativas do(a) Aluno (a)

Objectivos

Curto termo

Longo termo

Competências e Capacidades

**Tarefas que devem ser realizadas para se atingirem os objectivos do(a)
Aluno(a) (Quem, o quê, e quando)**

1.

2.

3

Referências

B.C. Ministry of Education (2001). Career/Life Transitions for Students with Diverse Needs: A Resource Guide for Schools. Retrieved September, 15, 2004 from http://www.bced.gov.bc.ca/specialed/docs/moe_clt_resource_rb0144.pdf

Everson, J.M. & Reid, D.H. (1999). Person-centered planning and outcome management: Maximizing organizational effectiveness in supporting quality lifestyles among people with disabilities. Morganton, NC: Habilitative Management Consultants, Inc.

Johnson, C., Brown, P., & Edgar, G., (2000). Transition Guide for Washington State. Seattle, WA: The Center for Change in Transition Services, University of Washington.

Rutherford III, H., & Turnbull, A. (1996). Families, Professionals, and Exceptionality: A Special Partnership. New Jersey: Prentice Hall Publishing.

Malette, P., Mirenda, P., Kandborg, T., Jones, P., Bunz, T., & Rogow, S. (1992). Application of a lifestyle developmental process for persons with severe intellectual disabilities: A case study report. *Journal of the Association of Persons with Severe Handicaps*, 17, 178-191.

Pianta & Kraft-Sayre (2003). Successful Kindergarten Transition: Your Guide to Connecting Children, Families and Schools. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing.

Transition to Independence Process (TIP) System. Retrieved April 29, 2004 from <http://www.fmhi.usf.edu/cfs/policy/tip/statement.html>

Shriners Hospitals for Children, Northern California (n.d.). It's Your Future – Go For It! A Transition Guide for Teens and Parents. Retrieved September 13, 2004 from the American Academy of Pediatrics website at <http://www.medicalhomeinfo.org/tools/youthstart.html>

Wehman, P. (Ed.) (2001). Life Beyond the Classroom: Transition Strategies for Young People with Disabilities. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing.36

AGRADECIMENTOS

O Plano de Transição para Jovens com Necessidades especiais – Um Guia de Apoio na Comunidade implicou a ajuda empenhada de numerosas pessoas incluindo familiares, agentes comunitários e o Comité Inter-Ministerial sobre o Planeamento da Transição para Jovens com Necessidades Especiais.

Gostaríamos de agradecer a colaboração prestada pelas seguintes pessoas:

Anthony, Cathy Coordinator, Family Support Programs, Simon

Fraser Society for Community Living,

Coquitlam

Berggren-Clive, Kathy Associate Child & Youth Officer, Office of

Children & Youth, Vancouver

Champion, Kathleen Director of Instruction, Learning Services,

Richmond School District, Richmond

Dannenberg, Susanne Social Worker, Community Living Services,

Children's Team, Victoria

Glaze, Maria Family Resource Coordinator, Richmond

Society for Community Living, Richmond

Graham, Randy A/Team Leader, Simon Fraser Region

Grycan, Jo Ann Transition Social Worker, Capital Region

Hamilton, Shelley A/Team Leader, Community Living Services,

Children's Team, Vancouver

MacPherson, David Consultant

Mackie, Debra Low Incidence Support Teacher,

Greater Victoria School District
Salisbury, Brian Senior Advisor, Interim Authority Community
Living British Columbia, Vancouver
Turgeon, Robert Social Worker, Community Living Services,
Children's Team, Penticton

NOTAS:

- Este texto é a tradução de um dos principais textos do Documento: "Transition Planning for Youth With Special Needs. – A Community Support Guide", editado por: *Ministry of Children and Family Development, British Columbia*.
- Este documento está disponível na Internet em: www.mef.gov.bc
- A Bristish Columbia vendeu à Associação Cidadãos do Mundo o direito de traduzir e colocar este textpo on-line.
- O texto utiliza as palavras "o jovem", "o aluno", ou "o filho", no sentido alargado de "o" ou "a" (jovem, filha ou aluna).

A tradução foi realizada por Ana Maria Bénard da Costa